

Interculturalidade na narrativa de Guerra dos Sertões

Maria Jandyra Cavalcanti-Cunha*

Vítor de Abreu Corrêa**

Introdução

No final do século XIX, Euclides da Cunha cobriu durante quase dois meses a Guerra dos Canudos (1896-1897) para o jornal *O Estado de S. Paulo* (vulgo *Estadão*), enfocando contrastes e confrontos do Brasil de então: não só a guerra travada entre os fiéis de Antônio Conselheiro e os republicanos de Floriano Peixoto, mas também as diferenças entre um Brasil interiorano, menos desenvolvido, e um Brasil litorâneo, onde se encontravam o poder político e as elites econômicas. O trabalho de Euclides da Cunha como repórter foi a semente para o livro *Os Sertões*, originalmente publicado em 1902, que certamente ajudou a desenvolver a noção do Brasil como um todo, identificando as singularidades de cada parte.

Analisamos a correspondência de guerra de Euclides da Cunha durante o conflito de Canudos – 31 reportagens e 61 telegramas, escritos entre 7 de agosto e 1º de outubro de 1897 – reunida e organizada pela ensaísta e crítica literária Walnice Nogueira Galvão, no livro *Diário de uma expedição* (2000), o qual serve de *corpus* para este estudo.

Correspondência de guerra e interculturalidade

Inicialmente, é importante explicitar o que caracterizamos como ‘correspondência de guerra’ e o que definimos como ‘interculturalidade’. Como já escrevemos em trabalhos anteriores, a correspondência jornalística em uma guerra é a transmissão periódica de notícias do conflito feita por repórteres enviados por empresas jornalísticas, ou *freelancers* contratados por órgãos de imprensa (e, até mesmo, editoras), com o objetivo de verificar *in loco* o desenrolar dos acontecimentos, narrando-os com a propriedade de quem vê as coisas diretamente do palco dos acontecimentos. (CAVALCANTI-CUNHA & CORRÊA, 2013; CORRÊA, 2012; CAVALCANTI-CUNHA, 2011).

* Doutora em Linguística (Lancaster University, UK), atua como pesquisadora associada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (PPG-Com/UnB) e coordena o Grupo de Pesquisa ‘Jornalismo e Construção Narrativa da História do Presente’ (CNPq).

** Doutorando em Comunicação na linha de ‘Jornalismo e Sociedade’ (PPG-Com/UnB), é membro do GP ‘Jornalismo e Construção Narrativa da História do Presente’.

De caráter testemunhal e subjetivo, a correspondência de guerra se desenvolve em um ambiente de interculturalidade – esta, vista aqui como a interação entre duas ou mais culturas que se integram de forma harmoniosa e com respeito à multidiversidade. É uma *inter-ação* que, ao acolher novos padrões culturais, provoca mudanças comportamentais entre os membros das culturas em contato.

Neste estudo, identificamos essa alteração intercultural na visão de Euclides da Cunha que, a princípio, se mostrava avesso aos seguidores de Antônio Conselheiro. Após imergir no contexto daquela guerra sangrenta ocorrida em um cenário de secas cíclicas e latifúndios improdutivos no sertão da Bahia, o correspondente reconhece qualidades no inesperado adversário da recém-proclamada República, da qual ele próprio era ferrenho defensor. Em *Os sertões*¹, alvo futuro de nossos estudos, ele expõe mais amplamente essa nova visão que fica consagrada na frase “O sertanejo é antes de tudo um forte”. (da CUNHA, 1979: 81).

Choque de realidade

Um exame do contexto socioeconômico do Brasil à época da Guerra de Canudos nos permitiu enxergar na narrativa de Euclides da Cunha um choque entre dois mundos completamente distintos, culturas sem relevantes pontos de contato: o crescente Sul e o estagnado Norte.

Euclides da Cunha, à época em que foi correspondente do *Estadão* em Canudos, vivia em São Paulo que, em 1890, tinha 65 mil habitantes. Nos fins do século XIX, a cidade deixou seu aspecto rural, com suas muitas chácaras, para se transformar em um centro urbano, invadido pela construção de grandes obras como a Avenida Paulista e o Viaduto do Chá, inauguradas em 1981 e em 1982, respectivamente – dois símbolos daqueles novos tempos, nos quais florescia o ares de modernidade do porvir. Na virada do século, em 1900, São Paulo já registrava 240 mil habitantes.

De outro lado, o arraial de Canudos era uma pequena aldeia incrustada desde o século XVIII em um cenário rural: um vale, entre colinas, às margens do rio Vaza-Barris e distante 200 quilômetros da estrada de ferro de Queimada, no norte da Bahia. Com a chegada de Antônio Conselheiro em 1893, o local foi rebatizado de Belo Monte e cresceu bastante, chegando a uma população de 25 mil habitantes. Em 1900, o cenário do interior nordestino era de economia agrária, baseada no latifúndio, com forte presença do coronelismo patriarcal. Desde a transferência da capital da ainda colônia do Brasil em 1763, de Salvador para o Rio

¹ Durante a expedição militar a Canudos, Euclides da Cunha já anunciava, em seus despachos para o *Estadão*, que escreveria “um livro sobre o que testemunhara”. De 1902, *Os sertões* teve a primeira edição esgotada, em apenas dois meses.

de Janeiro, as prioridades para o desenvolvimento econômico haviam se deslocado para o sul do país.

Euclides da Cunha pertencia à região brasileira em franca evolução econômica, fundada na cultura cafeeira, responsável por 64% da exportação brasileira entre 1891 e 1900. Em contraposição, no nordeste brasileiro onde se encontravam os revoltosos de Canudos, as culturas açucareira e algodoeira registravam, respectivamente, apenas 6% e 2,7% das exportações nesse mesmo período. Segundo o historiador José Antônio Sola (1997: 11), ao recuar 70 anos no tempo, entre 1821 e 1830, percebe-se que o quadro das vendas ao estrangeiro era outro: o açúcar respondia por 30,1%, o algodão por 20,6% e o café, em última posição, por 18,4%. O Sudeste também despontava como lugar industrial, com 1.722 fábricas instaladas nos nove principais estados brasileiros em 1907: 89,3% estavam concentradas em Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Santa Catarina. Somente 10,7% ficavam no Nordeste, sendo 4,5% na Bahia.

Os índices demonstram a desigualdade existente no Brasil daquele final de século XIX. Abaixo, a **tabela 1** mostra a terra de contrastes e, literalmente, de confrontos, que acabou por colocar em campos opostos o Brasil de Euclides da Cunha – litorâneo e composto pela elite econômica, no Sudeste – e o Brasil de Antônio Conselheiro – interiorano e pouco desenvolvido, no Nordeste.

Tabela 1. Contrastes no Brasil no final do século XIX

| O Brasil de E. da Cunha | O Brasil de A. Conselheiro |
|--------------------------------|-----------------------------------|
| Urbano | Rural |
| Litorâneo | Interiorano |
| Metropolitano | Periférico |
| Dominante | Ignorado |

Os antagonismos também eram percebidos nos ideais em torno da Guerra de Canudos. De um lado, o exército da República e sua doutrina libertária e, de outro, os sertanejos em sua resistência à miséria secular, tratados à época como defensores da Monarquia. O novo regime defendendo um suposto ‘modernismo democrático’ acusava os revoltosos de atrasados, arcaicos, pregadores de um ‘conservadorismo autoritário’.

O próprio Euclides da Cunha (2000: 44 e 51) acusou os canudenses de serem uma “horda de fanatizados” e serem “propagandistas do império”. Em 1897, antes de sua ida para a Bahia, ele escreveu o artigo ‘A nossa Vedeia’ – publicado em duas partes no *Estadão*, nos dias 14 e 17 de julho – comparando o levante dos sertanejos contra o novo regime brasileiro à

Revolta da Vendéia, que uniu o campesinato e a nobreza contra a Revolução Francesa, em 1793.²

O processo intercultural

À época dos primeiros escritos sobre Canudos para o *Estadão*, Euclides da Cunha tinha 30 anos de idade, era colaborador permanente do jornal paulista e engenheiro nomeado da Superintendência de Obras de São Paulo. Nascido no Rio de Janeiro, ele fora conquistado pela causa republicana bem antes. Foi aluno de Benjamin Constant, destacada liderança pró-República, e cursou engenharia na Escola Militar, então um conhecido centro de agitação devido à forte influência de ex-combatentes da Guerra do Paraguai, declaradamente favoráveis à queda da Monarquia.

Era de tal modo militante que feriu a hierarquia militar ao afrontar verbalmente o então ministro da Guerra de Dom Pedro II, Tomás Coelho, durante visita aos alunos, em 1888. Em represália, Euclides da Cunha foi expulso da escola, preso e excluído do exército. Com a Proclamação da República, no ano seguinte, retornou ao ciclo militar, agora famoso pelo confronto ao velho regime. Em 1892, formou-se em engenharia militar, matemática e ciências físicas e naturais. Tempos depois, após passagem por Minas Gerais, pediu reforma das forças armadas no posto de capitão.

Euclides da Cunha foi contratado pelo *Estadão* para ir à Bahia cobrir a guerra após publicar os dois artigos, nos quais comparava o movimento de Canudos com a rebelião da Vendéia – ambos identificados como tentativas de restauração da monarquia – e valorizava a presença republicana no sertão para liquidar os seguidores de Antônio Conselheiro. Como repórter, ele foi à frente de batalha após o proprietário do jornal, Júlio de Mesquita, ter apelado diretamente ao presidente da República à época, Prudente de Moraes, para que integrasse o Estado-Maior do então ministro da Guerra, marechal Carlos Machado Bittencourt, que transferira seu gabinete para a Bahia. Após a República ter sofrido quatro vergonhosas derrotas sucessivas em expedições anteriores³, o próprio ministro liderou a 5ª Expedição Militar e Euclides da Cunha, como membro da expedição, assistiu *in loco* os combates.

² A guerra da Vendéia foi um movimento contrarrevolucionário que aconteceu na região costeira no sul do vale do Loire, a oeste da França, durante a Primeira República, após a Revolução Francesa entre 1793 e 1796. De um lado, estavam os republicanos e, de outro, católicos e realistas.

³ A 1ª Expedição foi chefiada pelo tenente Pires Ferreira, a partir de decisão do Governo da Bahia; a 2ª, comandada pelo major Febrônio de Brito, teve 500 soldados; a 3ª, sob responsabilidade do coronel Antônio Moreira César, tinha 1,3 mil homens; a 4ª, a cargo do coronel Artur Oscar, era composta de um efetivo de 5 mil militares; e a 5ª, que veio em socorro a 4ª e reunia mais 4 mil soldados, teve os cuidados do ministro da Guerra em pessoa na Bahia.

A experiência de Euclides da Cunha como correspondente de guerra o fez entrar em contato e interagir com uma nova cultura e, até mesmo, se integrar a outra realidade anteriormente desconhecida. Tal *inter-ação* é perceptível no decorrer dos despachos em telegramas e nas reportagens em formato de diário veiculadas pelo *Estadão*.

Já no caminho para a Bahia, Euclides da Cunha vai percebendo a dificuldade de se viajar pelo Brasil, principalmente para um país ‘distante’, o das “cercanias da Meca dos jagunços”. Ainda assim, mostrava-se confiante: “Maiores milagres, porém, tem realizado o exército nacional e a fé republicana!” (da CUNHA, 2000: 66). Um misto de desconfiança e exagero acerca do que o esperava em Canudos dominou o correspondente do *Estadão* até determinado momento da viagem, a ponto de ele se valer de dizeres de soldados para caracterizar os revoltosos: ”Jagunço degolado não verte uma xícara de sangue” ou um “fanático morto não pesa mais que uma criança”.

Euclides da Cunha (75-6) chega a falar, em seus despachos, que “quatro ou seis jagunços faziam estancar um batalhão inteiro”, exageros que confirmam a total ausência de parâmetros para opinar sobre os rebeldes. O tratamento seguiu carregado pela avaliação pessoal, como quando o autor analisou o caráter do líder do levante: “Antônio Conselheiro, espécie bizarra de grande homem pelo avesso, tem o grande valor de sintetizar admiravelmente todos os elementos negativos, todos os agentes de redução do nosso povo” (idem: 89). Note o tom negativo com que se refere agressivamente aos sertanejos, mesmo antes de conhecê-los pessoalmente.

Ao longo do trajeto, passando por diferentes povoados baianos, o correspondente demonstrou o grau de ineditismo do lugar. O desconhecimento era tal que os soldados, mesmo estando no *front*, faziam “conjecturas vãs”, “entre conclusões opostas”, acerca de quem eram os adversários. “Muitos lá estiveram desde as primeiras expedições e confessam ingenuamente, lealmente, que nada sabem, nunca viram o inimigo senão depois de morto”, apontava Euclides da Cunha (idem: 95). Ele acrescenta que tais histórias vão se consolidar, mais tarde, como “lendas”. De pouco em pouco, percebe-se claramente que o autor, antes taxativo na negação de qualidades, começa a enxergar também virtudes.

Na medida em que o processo de interculturalidade é construído, o comportamento de Euclides da Cunha em relação ao que ele presenciava ao seu redor vai se alterando. Os exemplos foram muitos, entre eles, a descrição sobre (i) a geografia do lugar: “É o deserto na significação rigorosa do termo – árido, aspérrimo, despovoado”; (ii) a vegetação: “Agressiva para os que a desconhecem – ela é providencial para o sertanejo”; (iii) o relevo: “A disposição

topográfica e a constituição geológica são simplesmente surpreendedoras”; e (iv) as pessoas: “A influência do Conselheiro é mais ampla do que supunha” (da CUNHA, 2000: 114, 136, 174, 138).

A guerra entre culturas díspares tomou forma na narrativa publicada periodicamente no *Estadão*, conforme indica a **tabela 2**, a ponto de Euclides da Cunha criar uma nova palavra: ‘Ajagunçar-se’, derivada do substantivo já existente ‘jagunço’. O neologismo identifica o fenômeno de transformação pelo qual passam os soldados após conviverem meses com o sertão. “A cor muda revestindo-se de tons ásperos de bronze velho; como que mirram as carnes e os ossos incham; rapazes elegantes transformam-se rapidamente em atletas desengonçados e rígidos”, anotou o autor. (idem: 160).

Tabela 2. A guerra dos antagonismos

| | Forças federais (exército) | Forças rebeldes (canudenses) |
|-------------------------------|-----------------------------------|-------------------------------------|
| Tipo de armamento | Armas modernas | Armas artesanais |
| Condição de letramento | Alfabetizados | Baixa escolaridade |
| Cultura religiosa | Fé tradicional | Fé alternativa |

Apesar de tantas desproporções, o correspondente do *Estadão* começou a reconhecer valores no sertanejo, identificando que todo o país “precisa conhecer a verdade” (idem: 96) sobre esse mundo até então na completa periferia dos interesses governamentais. Para o autor, a resistência de Canudos, de armas e enxadas em mãos, era algo extraordinário e digno de registro e valorização, pois se tratava de pessoas cuja necessidade fez aflorar uma disposição completamente incomum, quase que sobre-humana.

Imaginem que, enquanto o exército lhes ocupa grande parte de casas e os fulmina cotidianamente, num bombardeio incessante, os fanáticos distribuem em modo notável a atividade, revezando-se da linha de fogo para o campo onde cultivam mandiocas, feijão e milho! Fazem *roças* que devem ser colhidas no ano vindouro! (da CUNHA, 2000: 160).

A leitura do texto de Euclides da Cunha mostra que seu interesse pelas pessoas cresceu muito e, depois de vencida a guerra, ele passou a defender que os “rudes patrícios” fossem incorporados pela República, uma vez que eles “constituem o cerne da nossa nacionalidade” (idem: 140). O convívio com aquele mundo despertou no autor um desejo de integração, de envolvimento mútuo. O processo de interculturalidade permitiu que o autor enxergasse a necessidade de juntar o povo sertanejo ao ‘desenvolvimento’ da nação. Embora utilizada de modo a submeter um ao outro, tal incorporação pode ser entendida aqui na perspectiva de o novo regime resgatar a origem do brasileiro, esquecida naquele sertão havia tempos.

De início contestação, mais tarde perplexidade e agora integração ao novo e, ao diferente. Os três momentos transparecem nos despachos de Euclides da Cunha. Na primeira etapa, ausência absoluta de interação, escrevendo a partir de São Paulo; na segunda, indecisão e perturbação ao se deparar a uma realidade oposta, ainda sem integração e respeito à diversidade; e na terceira, reconhecimento e valorização de outra cultura, fruto da *inter-ação* que afeta e modifica o comportamento humano.

Influências interculturais

Quando Euclides da Cunha chegou, enfim, a Canudos e pôde conhecer seu funcionamento, ele descreve a organização urbanística da vila rebelde, em contraposição a exuberância que São Paulo vivenciara no período. Compreende-se que o lugar de fala do autor parte da cultura urbana e de suas robustas avenidas já em construção para observar que, em Canudos, havia “ausência quase que completa de ruas”. À ordem da capital paulista, contrapõe-se o “baralhamento indescritível” de “uma multidão de loucos” no longínquo sertão baiano:

[*Canudos*], 29 de setembro

Ausência quase completa de ruas, em grande parte substituídas por um Dédalo desesperador de becos estreitíssimos, mal permitindo, muitos, a passagem de um homem.

As mais das vezes, porém, nem isto se dá: as casas acumulam-se em absoluta desordem [...], num baralhamento indescritível, como se tudo aquilo fosse construído rapidamente, vertiginosamente, febrilmente – numa noite – por uma multidão de loucos! (Idem: 199-201).

Em outra passagem, Euclides da Cunha participava de um interrogatório realizado com uma sertaneja capturada pelas forças republicanas. O trecho evidenciou as diferenças culturais de um lado e de outro, e os maneirismos de linguagem, inclusive com grifos do autor para destacá-los em expressões do tipo “navegando na casa dos outros”, “está com muitos dias” e “rola o tempo”, que seriam entendidos em São Paulo como “entrando na casa de outras pessoas”, “faz muito tempo” e “demora um tempo”, respectivamente.

O correspondente do *Estadão* tinha alcançado o nível superior, estudado na Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, e atuava como jornalista. Chegou, aliás, a lecionar no Colégio Pedro II. Portanto, homem letrado que se comunicava pelas páginas do jornal paulistano com quem, de igual modo, tinha alto grau de escolaridade, diferentemente dos seguidores de Antônio Conselheiro: na maioria analfabetos, excluídos do contexto nacional de sua época.

[*Canudos*], 26 de setembro [...]

– Onde está teu marido?

– No céu.

– O que queres dizer com isto?

– Meu marido morreu. [...]

– Há muita gente aí, em *Canudos*?

– E eu sei?... Eu não vivo *navegando na casa* dos outros. *Está com muitos dias* que ninguém sai por via das peças. E eu sei contar? Só conto até quarenta e *rola o tempo* pra contar a gente de Belo Monte...

– O Conselheiro tem recebido algum auxílio de fora, munições, armas?...

– E eu sei? Mas porém em Belo Monte não manca [*falta*] arma nem gente pra brigar.

– Onde estava seu marido quando foi morto?

Esta pergunta foi feita por mim e em má hora a fiz. Fulminou-me com o olhar.

– *E eu sei?* Então querem saber de tudo, do *miúdo* e do *grande*. Que extremos!... (Idem 187-8).

Ainda exemplificando, Euclides da Cunha constatou a esperteza dos sertanejos, que utilizavam armas usadas e capturadas de combates anteriores, além de rudimentares equipamentos de guerrilha, com a nova expedição republicana que se aproximava. Apesar do uso de armamento artesanal e do pouco contato com armas de fogo, os sertanejos ocasionaram um dos “feitos de armas mais notáveis da nossa história militar”, segundo o autor:

Canudos, 10 de setembro [*corrigido para 24 de setembro*] [...]

Percorri o campo da batalha com o meu colega Gustavo Guaribu e ele, que foi um dos protagonistas da luta [...].

Numa das colinas, no alto, sob a ramada sem folhas de um umbuzeiro o meu colega mostrou-me uma cavidade circular de pouco mais de meio metro de profundidade.

Ali esteve no dia da peleja um único homem; e esse homem torturou batalhões inteiros!

Ninguém o podia distinguir. Os tiros rápidos da Manulicher que sopeava, dispensando a pontaria para um alvo enorme, caíam, repetidos, numerosíssimos, em cheio, dentro das fileiras. Era uma fuzilaria tenaz, impetuosa, mortífera, formidável, jogando em terra pelotões inteiros e feita por um único homem. Os soldados, estonteados, atiravam ao acaso, na direção provável dos tiros do maldito: uma saraivada de balas passava rugindo pela galhada do umbuzeiro; o atirador sinistro e nunca percebido abaixava apenas a cabeça e passada a onda de balas, continuava, de cócoras no fundo da trincheira, a tarefa espantosa.

Os melhores binóculos não o distinguiam: agachado na cova, olhando segundo uma tangente à borda do fosso terrível e atirando, atirando, atirando sempre, despiadado, terrível, demoníaco, num duelo de morte contra mil homens!

Ainda lá estão as cápsulas detonadas. Contei 361.

Trezentos e sessenta e um tiros deu aquele ente fantástico e talvez perdesse muito poucas balas.

E não morreu [...]

Não será por isto difícil demonstrar – e fá-lo-ei muito breve – que a batalha de 18 de julho é um dos feitos de armas mais notáveis da nossa história militar. (Idem: 179-81)

Vale lembrar que, antes da chegada a Canudos, o autor tratava os seguidores de Antônio Conselheiro por “horda de fanáticos”, “propagandista do império”. Ao conhecê-los, a percepção modificou-se e elevou-se de modo impensável. Agora eram “entes fantásticos”, capazes de promover “um dos feitos de armas mais notáveis da nossa história militar”. O mergulho de Euclides da Cunha oportunizou profundas trocas interculturais com o mundo sertanejo. A repercussão disso pôde ser vista quando da publicação de *Os sertões*, cinco anos após o fim da Guerra de Canudos. Ainda hoje, é considerado livro-base para o estudo da formação da sociedade brasileira, ao lado de dois clássicos: *Casa Grande e Senzala* (1933), de Gilberto Freire; e *Raízes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Holanda.

Considerações finais

Ao reconhecer características manifestas de interculturalidade no trabalho de Euclides da Cunha, podemos entender a sua mudança de posição na correspondência de guerra realizada para o jornal *O Estado de S. Paulo* e também na análise sociológica que mais tarde viria a ser desenvolvida no livro *Os Sertões*.

Nessa obra, ele rompeu por completo com suas ideias anteriores, pré-concebidas, segundo as quais o movimento de Canudos seria uma tentativa de restauração da Monarquia, comandada à distância por monarquistas. Percebeu que se trata de uma sociedade completamente diferente da litorânea, da qual pertencia. De certa forma, o autor descobriu o verdadeiro interior do Brasil, que mostrou ser muito diferente da representação usual que dele se tinha. Além de narrar a guerra, relatou a vida e sociedade de um povo negligenciado e esquecido pela metrópole.

A correspondência de guerra de Euclides da Cunha evidencia que, ao longo do processo da interculturalidade, ele transformou a sua visão sobre a terra, o homem e a luta de Canudos. Ao partir do Sul, litorâneo e urbano, carregado de pré-conceitos, o jornalista se achou repentinamente à frente a um Nordeste, sertanejo e rural, exuberante em sua gama cultural de resistência à opressão. Em determinado momento da *inter-ação*, foi como se tivesse aderido aos seguidores de Antônio Conselheiro, ao sugerir ser favorável a substituição da “vitória” na guerra pela incorporação do sertanejo “à nossa existência política” (da CUNHA, 2000: 208). Mais valeria ao Brasil se relacionar com o ‘antigo’ inimigo do que liquidá-lo.

Aqueles dias na Bahia, sem dúvida, modificaram o comportamento cultural do autor, de maneira harmônica e respeitosa – e para toda a vida. Não por outro motivo, ele largaria tudo por anos consecutivos para se dedicar à escrita de uma única obra, *Os sertões*, onde jogaria luz à experiência vivenciada e à análise sociológica daquele povo, movido pela combinação entre estranhamento e encantamento.

Referências bibliográficas

CAVALCANTI-CUNHA, M. J. (2011) História com tinta, voz e sangue. Narrativas na correspondência de guerra do século XX. *In: Pereira, F. H; Moura, D. O.; Adghini, Z. L. (orgs.) Jornalismo e Sociedade. Teorias e metodologias. Florianópolis: Insular, 2012, p. 243-261.*

_____. Diário com sangue. Ação e reflexão em narrativas jornalísticas de guerra. *In: LABORDE, Elga P.; Ortiz Alvarez, Maria Luisa. Dimensão temporal e espacial na linguagem e na cultura latino-americana. Campinas, SP: Pontes, 2013, p. 399-413.*

CAVALCANTI-CUNHA, M. J.; CORRÊA, V. A. **A guerra in loco**: o caráter testemunhal da narrativa jornalística na Guerra dos Canudos. *Revista Intercâmbio dos Congressos de Humanidades*, out. 2013. Disponível em: <http://unb.revistaintercambio.net.br/sys/conteudo/visualiza_lo18.php?pag=:revistaintercambioA;paginas;visualiza_lo18&cod=11704>.

CORRÊA, V. A. **Os diários de Taunay e Euclides da Cunha**. Um estudo sobre o início da correspondência de guerra no Brasil. 2012, 167p. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Comunicação, Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Orient. M. J. Cavalcanti-Cunha, Brasília, 2012.

da CUNHA, E. **Os sertões**. 28ª. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves; Brasília: INL/MEC, 1979.

_____. **Diário de uma expedição**. Organização de Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SOLA. José Antônio. **Canudos: uma utopia no sertão**. São Paulo: Contexto, 1997.